

Revista *Língua Portuguesa*. Entrevista a Simone de Marco Minucci

30 maio 2008

Questões:

Que características narrativas possuem os contos orais tradicionais?

Para responder a essa pergunta é preciso primeiro comentar as inúmeras e importantes diferenças entre a cultura escrita e a cultura oral. Somos escolarizados e tão condicionados pela escrita que esquecemos que ela corresponde a um modelo de discurso e não “o” modelo. Por exemplo: o discurso escrito é fixo e tem autonomia, ou seja, pode ter sido escrito há séculos e continua exatamente o mesmo. Isso significa que ele prescinde da presença física do autor e também do receptor. O discurso escrito é uma construção autônoma e congelada. Além disso, quem escreve pode utilizar linguagem complexa, fazer citações, recorrer a outros idiomas, fazer propositalmente uso de linguagem obscura, inventar palavras, fazer abstrações, ser objetivo (ou seja, ser impessoal), mexer com a sintaxe e fazer experimentações com a linguagem. Isso porque sabe que o leitor pode levar o texto para casa (o discurso escrito é transportável) e terá tempo para ler, reler, examinar, analisar, meditar sobre o que leu e consultar dicionários para finalmente construir sua interpretação. Em outras palavras, a escrita influencia a forma como construímos nossos discursos. Ocorre que o discurso marcado pela oralidade obedece a outro modelo construtivo. Além de não ser fixo, o discurso oral é sempre situado, ou seja, feito face-a-face, com a presença de quem fala e de quem ouve. Raras pessoas falam sozinhas ou para ninguém. Por essa razão, tal discurso exige linguagem clara, direta e compreensível com imediatez. Não dá para falar com outra pessoa usando metáforas complicadas e fazendo citações e experimentações com a linguagem. Pois bem, o que digo é que, mesmo quando escrito, um texto pode ser marcado pela cultura oral. Nesse caso, ele será criado e construído como se fosse uma fala dirigida a alguém, simulando um contato face-a-face. Em suma, existem textos escritos para ser lidos como quem lê e textos escritos para ser lidos como quem ouve. O discurso fragmentado, a metalinguagem, a experimentação sintática, as metáforas obscuras e a exigência de interpretação são marcas do texto literário enraizado na cultura escrita. Já a narrativa, ou seja, a comunicação construída linearmente, acumulativa, com seqüência lógica, rumo a um desfecho, com começo, meio e fim, é tipicamente um recurso marcado pela oralidade. Outros recursos: o vocabulário público e compartilhável, a busca da comunicação imediata, as fórmulas e frases feitas, as repetições, as imagens visualizáveis e a concisão, entre vários outros.

Na sua opinião, quais são os aspectos que lhes conferem condição de permanência?

Creio que o discurso oral e os textos escritos marcados pela oralidade permanecem vivos ou podem ter um grande poder de circulação por tratarem de temas compartilháveis (capazes de gerar identificação), por meio de linguagem pública e visualizável (ou seja, não abstrata), o que os torna mais facilmente memorizáveis. Veja a diferença entre esses dois textos: “Eu tenho uma casinha lá na Marambaia/ fica na beira da praia/só vendo que beleza/tem uma trepadeira que na primavera/ fica toda enfiada de brincos de princesa...” (trecho de “Só vendo que beleza” samba de Henricão) e “Noite de hotel / a antena parabólica só capta videoclipes / diluição em água poluída / (e a poluição é química e não orgânica) / do sangue do poeta / cantilena diabólica / mímica pateta / noite de hotel...” (trecho de “Noite de hotel” de Caetano Veloso). São duas ótimas canções mas, este é o ponto, feitas a partir de modelos construtivos bem diferentes. Não vejo como formar leitores sem a compreensão de que existem diferentes modelos construtivos a partir dos quais os textos podem ser criados.

Como você trabalha uma narrativa popular ao fazer uma releitura dela?

Para recontar uma história, venho fazendo uma pesquisa há quase trinta anos. Tento sempre encontrar o máximo possível de versões de determinado conto e só então crio a minha. Ajo como um contador de histórias e construo meu texto a partir da oralidade, ou seja, escrevo quase como se estivesse falando num contato face-a-face. Nesses casos, escrevo principalmente para ser ouvido.

Os contos orais ajudam a formar leitores?

Sem dúvida, por tratarem de temas humanos complexos de forma compartilhável, seja por crianças seja por adultos de diferentes graus de instrução e classes sociais, os contos populares podem servir como uma porta de entrada para outras formas literárias e poéticas. Digo mais: num país onde a grande maioria das pessoas, por razões sociais e familiares, está próxima da cultura popular e da oralidade, entrar em contato e valorizar as expressões de origem popular, sempre marcadas pela oralidade, pode ser extraordinariamente importante

Li numa entrevista sua que você percebeu o gosto pela escrita fazendo redações escolares. Em que momento você percebeu que gostava de escrever para crianças? O que lhe atrai na literatura infantil?

Quando tinha uns 17 anos, tive contato com os contos de Peter Bichel, um poeta suíço. Senti grande identificação por aqueles textos e um caminho para mim. Acho que porque justamente eles conseguiam tratar de temas complexos por meio de uma linguagem clara e compartilhável. Mais tarde, lutei para que esses contos fossem publicados no Brasil e foram. Trata-se de *O homem que não queria saber mais nada e outras histórias*, da Ática. Recomendo esse livro vivamente.

Quais as especificidades de escrever para crianças? O que significa linguagem infantil para você?

Para mim escrever para crianças significa adotar a mesma postura do artista popular: tratar de temas complexos, que ao mesmo tempo me expressem e sejam capazes de gerar identificação na maioria das pessoas, sempre por meio de linguagem pública e acessível.

Você também escreve para adultos?

(Se escreve) O que você aplica de diferente no trabalho quando este é dirigido a um público adulto?

Tenho dois livros, *Lúcio vira bicho*, da Cia das Letras e *Feito bala perdida e outros poemas*, recentemente lançado pela Ática, que, em termos, podem ser considerados livros para adultos ou para jovens adultos, o que dá na mesma. Na minha visão, um livro “para adultos” pode se permitir tocar em temas menos compartilháveis, mais singulares ou abstratos, por meio de uma linguagem menos usual. Em geral, são textos plurissignificativos, ou seja, textos que, necessariamente, exigem interpretação.

Qual foi o seu primeiro contato com os contos tradicionais orais?

Histórias contadas de viva voz por meu pai e os contos do *Tesouro da Juventude*, uma extraordinária coleção de 18 volumes que li e reli mil vezes durante a infância e que, aliás, guardo até hoje comigo.

Qual é o panorama dessa prática (de disseminação dos contos orais) hoje?

Uma porcentagem muito alta de brasileiros é analfabeta ou semi-analfabeta (os famosos analfabetos funcionais) de forma que as marcas da oralidade fazem parte do cotidiano e do discurso de muita gente. O modelo de vida popular

tende a valorizar o sistema familiar, a experiência prática (não teórica), a sabedoria tradicional (e não a “informação”. Por exemplo: “quem senta na garupa não pega na rédea” ou “com a onça morta é fácil tirar a foto” ou “quem joga de fora joga melhor”) e a vida comunitária. Ainda se conta muita história de viva voz por aí mas infelizmente a vida urbana com o individualismo (a crença de que os interesses individuais são sempre mais importantes que os coletivos), a televisão, a visão técnica de tudo, o consumismo e a lamentável impessoalização das relações tem sido uma grande ameaça a essa tradição rica e humana, com a qual, creio, temos muito o que aprender.